

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. Machado de Assis e o livro de Jó. Uberlândia: Editora Proietium, 2025.

Machado, Jó e o enigma do sofrimento

Luana Vitória Araújo*

Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais, Brasil.

luanavitoriaaraujo10@gmail.com

O que aproxima o ceticismo sofisticado de Machado de Assis da dor milenar do patriarca bíblico Jó? Em *Machado de Assis e o livro de Jó*, Kenia Maria de Almeida Pereira investiga essa questão ao analisar, de modo sistemático, a reelaboração do capítulo 38 do Livro de Jó no poema “Soneto”, bem como os desdobramentos desse diálogo na prosa machadiana. A autora demonstra que Machado estabelece com o texto bíblico um jogo simultaneamente paródico e parafrásico, oscilando entre aquilo que Antoine Compagnon denomina “afinidade eletiva”, uma reescrita reverente, e a carnavalização descrita por Mikhail Bakhtin, que subverte e ressignifica o sagrado por meio da ironia. Nesse movimento, evidencia-se não apenas a presença da Bíblia hebraica na obra do escritor, mas sua função estruturante na construção de um imaginário literário atravessado pelo problema do sofrimento e pela opacidade do divino.

Fruto de seu estudo de pós-doutorado, supervisionado por Suzana Chwartz na Universidade Federal de São Paulo, o livro parte da constatação de que, apesar da vasta fortuna crítica sobre Machado de Assis, ainda são escassos os estudos que examinam de forma sistemática sua interlocução com a tradição judaica, especialmente com o Livro de Jó. Ao assumir esse recorte, Pereira insere sua investigação no campo das interfaces entre literatura e Bíblia hebraica, evidenciando a permanência de motivos sapienciais na literatura brasileira e propondo uma leitura que articula tradição, intertextualidade e recriação estética.

A obra organiza-se em três capítulos, além de introdução e conclusão. No primeiro, intitulado “Breves reflexões sobre o Livro de Jó”, a autora apresenta um panorama teórico que articula contribuições de pensadores como Carl Gustav Jung, Søren Kierkegaard, Moshe Greenberg, Erich Auerbach, Northrop Frye, Robert Alter e Suzana Chwartz. O Livro de Jó é compreendido como uma “obra aberta”, no sentido proposto por Umberto Eco, cuja força reside na tensão entre ação e contra-ação, entre a limitação humana e a alteridade divina. Ao retomar a narrativa do justo que sofre

* Mestranda em Estudos Literários no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL- UFU).

sem causa aparente, o texto evidencia o caráter profundamente filosófico e poético da obra bíblica, que continua a suscitar questionamentos incontornáveis: por que os justos sofrem? por que Deus parece silenciar diante da dor?

Nesse percurso, Pereira também ressalta a especificidade da figura de Satã na tradição hebraica, entendido como adversário ou acusador e não como a personificação do mal absoluto da tradição cristã. A narrativa de Jó, estruturada a partir de uma aposta entre Deus e Satã, apresenta um protagonista que, mesmo diante da perda de seus bens, de sua família e de sua saúde, permanece fiel, recusando-se a blasfemar. Antes de restaurá-lo, Javé o confronta com uma série de perguntas retóricas que deslocam o eixo da narrativa do sofrimento humano para a contemplação da ordem cósmica, instaurando uma tensão entre conhecimento humano e mistério divino.

A análise do primeiro capítulo é enriquecida, ainda, pelo diálogo com outras manifestações artísticas que revisitarem o drama de Jó. Destacam-se a encenação *O Livro de Jó* (1995), do Teatro da Vertigem, que relê a narrativa bíblica à luz das angústias contemporâneas, e as ilustrações do poeta e pintor William Blake, cuja recorrente representação do patriarca evidencia a força simbólica e transhistórica dessa figura. Ao mobilizar tais referências, o estudo evidencia o caráter transtético do texto bíblico, constantemente reinterpretado por diferentes linguagens.

O segundo capítulo, “Jeová responde em versos”, concentra-se na análise do poema “Soneto”, publicado originalmente em um jornal maranhense. Pereira demonstra como Machado de Assis, então em plena maturidade intelectual, condensa os 41 versículos do capítulo 38 do Livro de Jó em 14 versos decassílabos, realizando um sofisticado exercício de reescrita poética. Longe de constituir mera paráfrase, essa operação revela uma afinidade eletiva com o texto bíblico, evidenciando o lugar da Bíblia hebraica no repertório formativo do escritor.

Ao privilegiar o momento da teofania, quando Deus interpela Jó por meio de perguntas sobre os mistérios da criação, Machado seleciona e reorganiza elementos da narrativa original, reduzindo-os a um conjunto de indagações que enfatizam a desproporção entre o humano e o divino. Nesse processo, emergem um novo Jeová e um novo Jó, recriados no interior da poética machadiana. O poema culmina, no chamado “fecho de ouro” do soneto, na reafirmação da insignificância humana diante da complexidade do universo, perturbando qualquer ilusão de centralidade do sujeito.

A leitura proposta por Pereira contribui, ainda, para a valorização da lírica machadiana, frequentemente relegada a segundo plano pela crítica. Ao dialogar com estudiosos como Manuel Bandeira, Cláudio Murilo Leal, José Américo Miranda, Wilton José Marques e Audrey Miasso, a autora evidencia que o “Machado poeta” é fundamental para a compreensão da totalidade de sua obra. Nesse sentido, o estudo

reforça que o pessimismo irônico e o estilo conciso característicos da fase madura do escritor já se anunciam em sua produção poética.

No terceiro capítulo, “Rastros do Livro de Jó na prosa machadiana”, o estudo amplia seu escopo ao investigar a presença do imaginário bíblico em romances e contos. Pereira identifica ecos do sofrimento de Jó em obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, bem como nos contos “A segunda vida”, “Viver” e “A Igreja do Diabo”. Amparada em teóricos como Mikhail Bakhtin, Antoine Compagnon, Antonio Candido e Roberto Schwarz, a autora argumenta que Machado estabelece um diálogo crítico com a tradição bíblica, ora reverenciando-a, ora submetendo-a a um processo de dessacralização.

Nesse contexto, a releitura machadiana assume um caráter deliberadamente irônico e paródico, aproximando-se do que Schwarz identifica como um procedimento que expõe, por meio do humor, as contradições da sociedade e da condição humana. Como observa Antonio Candido, trata-se de uma obra marcada pela ambiguidade, em que a aparente normalidade encobre um universo mais complexo e, por vezes, inquietante. Assim, a presença de Jó na prosa machadiana não se limita a referências pontuais, mas configura um horizonte simbólico que atravessa personagens, conflitos e estratégias narrativas, revelando uma visão de mundo atravessada pelo ceticismo, pela ironia e pela consciência da precariedade da existência.

Na conclusão, Pereira reconhece que seu estudo não pretende esgotar as múltiplas camadas da obra machadiana, mas abrir novas possibilidades interpretativas. Ao evidenciar a presença estruturante do Livro de Jó na poesia e na prosa de Machado de Assis, o livro reafirma a importância da tradição bíblica como componente fundamental da literatura brasileira e como chave hermenêutica relevante para os estudos judaicos contemporâneos.

Escrito em linguagem acessível, mas sustentado por sólida base teórica, *Machado de Assis e o livro de Jó* constitui uma contribuição significativa tanto para os estudos machadianos quanto para as investigações sobre as interfaces entre literatura e Bíblia hebraica. Ao iluminar as ressonâncias do drama de Jó na obra do “Bruxo do Cosme Velho”, Pereira não apenas amplia a compreensão de sua poética, mas também reafirma a permanência das grandes questões sapienciais na modernidade literária. Trata-se, portanto, de leitura relevante para pesquisadores e leitores interessados em compreender como o enigma do sofrimento, encarnado na figura de Jó, continua a reverberar na literatura brasileira.

Enviado em: 02/04/2026

Aprovado em: 30/04/2026